

---

**ARTIGO ORIGINAL**

---

***A realidade do Ensino Médico em Santa Catarina<sup>1</sup>*****Carlos Gilberto Crippa<sup>2</sup>, Armando José d'Acampora<sup>3</sup>****Resumo**

Os autores demonstram a atual situação do ensino médico no Estado de Santa Catarina, realizando um paralelo entre as Escolas Médicas, necessidade de médicos em relação à população, número de vagas para Residência Médica e número de vagas oferecidas para o Curso de Medicina no Estado.

**Descritores:** 1. *Ensino;*  
2. *Ensino Médico;*  
3. *Escola de Medicina.*

**Introdução**

O ensino médico em nosso país está sendo cada vez mais discutido. Alguns defendem o ensino tradicional, enquanto outros defendem o estudo baseado em problemas. Os currículos estão se modernizando e avanços estão acontecendo para o bem da medicina. Mas, para o mal da medicina, outro fato vem acontecendo: a abertura indiscriminada de escolas médicas. O assunto vem sendo também discutido, mas sem que se consiga a compreensão da sociedade e dos responsáveis pela questão. O fato é que o número de escolas médicas prolifera de forma desenfreada, sem nenhum critério de criação de mais uma, sem que haja um estudo da necessidade de demanda de novos profissionais em relação à necessidade da população onde esta nova escola está inserida.

**Abstract**

The authors related the situation of medical learn in Santa Catarina, realizing correlations between the Medical Schools, relation doctor/peoples, medical residence and Medical courses in the state.

**Keywords:** 1. *Learning;*  
2. *Medical Learning;*  
3. *Medical School.*

O parâmetro da relação de um médico para mil habitantes, criado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), sequer é observado, quanto mais utilizado. As escolas estão sendo abertas não mais para o desenvolvimento de um pólo médico em uma região e, sim, como uma nova fonte de renda para uma ou outra universidade, ou mesmo para que a instituição tenha melhor *status* junto à população.

Algumas escolas médicas, em estados como Santa Catarina, estão a menos de 100 quilômetros umas das outras. Em um futuro próximo, e tomara que esta previsão esteja completamente errada, teremos uma sobrecarga de médicos em torno das escolas hoje criadas, ocorrendo aqui o mesmo que na Espanha, onde um médico recebe por uma consulta de um convênio qualquer o equivalente a R\$ 10,00. (São dez reais mesmo.)

O fato é explicado pela excessiva quantidade de médicos naquele país, onde somente 10% dos alunos formados em medicina conseguem Residência Médica e esta é de uma forma muito perversa. Realizam uma prova geral, igual para todos. O 1º. classificado escolhe a especialidade e o Hospital onde quer desenvolvê-la. O 2º. também. Quando chega no último, ele queria fazer residência em Radiologia, no Hospi-

---

1. Trabalho realizado na Disciplina de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental da UFSC.  
2. Mastologista da Maternidade Carmela Dutra e do Hospital Universitário/UFSC, Professor Adjunto do Departamento de Tocoginecologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Mestre em Ciências Médicas.  
3. Cirurgião Geral, Professor Adjunto Doutor do Departamento de Clínica Cirúrgica da UFSC, Doutor em Medicina pela UNIFESP – Escola Paulista de Medicina.

tal San Pablo, mas a última vaga é de Infectologia, no extremo sul do país. É pegar ou largar, porque o próximo está rezando que este desista, o que infelizmente nunca acontece. Será que queremos isso para nós? Acreditamos que sim. Senão vejamos: atualmente, no Brasil, estão cadastrados cento e quatro cursos de graduação em medicina, que colocam no mercado de trabalho cerca de dez mil novos profissionais a cada ano.

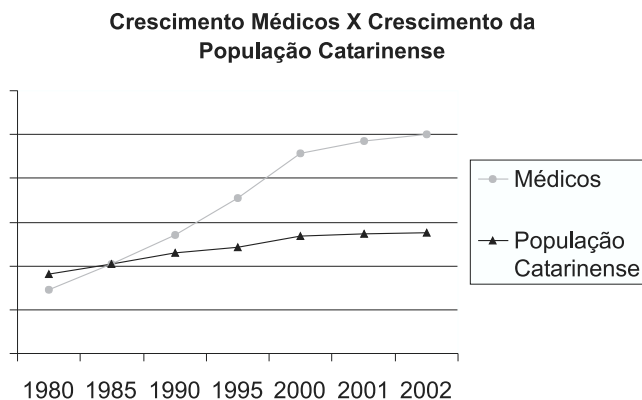
Somente no estado de São Paulo há um médico para cada quatrocentos e setenta habitantes, praticamente o dobro do que preconiza a relação ideal da OMS.

Torna-se óbvio dizer que, em Santa Catarina, a situação não é muito diferente, pois no Estado a natalidade populacional cresce na proporção de 1,8 %, e a médica, 3,2 %. Tanto é assim que, em vinte anos, a população médica quase quadruplicou (Tabela 1), enquanto a população não chegou a duplicar. A verificação desta desproporção é fácil de ser observada na figura 1.

**Tabela 1** – Relação temporal entre o número de médicos de SC em relação ao número de habitantes de SC e Florianópolis.

Ano	Total de médicos	Habitantes/SC	Habitantes/Fpolis
1980	2.893	3.627.933	153.652
1985	4.079	4.085.847	213.961
1990	5.398	4.601.500	242.861
1995	7.096	4.836.624	277.156
2000	9.132	5.356.630	342.315
2001	9.714	5.448.736	352.401
2002	10.026	5.527.707	360.601

Fonte: Conselho Regional de Medicina de SC e IBGE.



**Figura 1** – Gráfico demonstrando a discrepância entre o crescimento da população médica e a população de SC.

Percebe-se que o número de médicos formados em SC é muito diferente do crescimento do número de médicos que aportam ao Estado todos os anos, pois de 1959 a 1990 só havia uma escola médica em SC que, desde 1975, forma cem alunos/ano (de 1965 até 1975 eram pouco mais de vinte alunos por ano).

Entre 1980 e 1985 entraram no mercado de trabalho de SC 1.186 médicos; de 1986 a 1990, 1.319; de 1991 a 1995 foram 1.698 e, de 1996 a 2000, 2.036. Se compararmos 1980 a 2002, perceberemos que fizeram parte deste mercado de trabalho 7.133 novos médicos, em apenas vinte e dois anos, numa média de trezentos e vinte e quatro novos médicos ao ano.

A grande maioria dos médicos que fixaram residência médica no Estado eram oriundos do Rio Grande do Sul, onde há alguns anos proliferavam as faculdades de medicina. Estes médicos vieram buscar mercado de trabalho aqui e, somados aos de outros estados e com os poucos aqui formados, colocaram Santa Catarina e especialmente Florianópolis no pódio da concentração de médicos. E, como se isto não bastasse, estamos agora liderando de novo com escolas médicas no Estado, formando um número de médicos sem a consciência da dificuldade que estes profissionais terão de se estabelecer e exercer uma medicina digna.

Hoje, o quadro que se vê é aquele demonstrado na Tabela 2, com uma relação entre a número de médico/habitantes já bem maior que aquele recomendado pela OMS, o que não está sendo levado em conta por nenhuma instituição de ensino superior, tanto do Estado quando em nível nacional.

**Tabela 2** – Relação entre o número de médicos ativos/número de habitantes em SC e em Florianópolis.

Local	Número de Médicos	Médico/Habitantes
Santa Catarina	7.621	1/726
Florianópolis	2.300	1/157

Fonte: Conselho Regional de Medicina de SC e IBGE.

Em 1990, a Fundação Universidade Regional de Blumenau instalou o curso de Graduação em Medicina, agregando aos cem alunos da UFSC outros quarenta e quatro. Entre 1998 e 2000, outras quatro instituições de ensino superior inauguram seus cursos de medicina,

instalando uma capacidade de 420 vagas em todo o estado, até este momento. (Tabela 3)

**Tabela 3** – Relação entre o número de vagas nos Cursos de Graduação das diversas escolas médicas em Santa Catarina.

Escola	1990	1998	1999	2000	2001	2002
UFSC	100	100	100	100	100	100
FURB	44	44	44	70	54	69
UNIVALI		66	66	66	66	66
UNIVILLE			40	40	40	40
UNISUL			80	80	80	80
UNESC				64	60	62
<b>Total</b>	<b>144</b>	<b>210</b>	<b>330</b>	<b>420</b>	<b>400</b>	<b>417</b>

Fonte: Conselho Estadual de Educação.

As vagas para Residência Médica no Estado (Tabela 4) refletem a realidade de hoje, mostrando um número de cento e quarenta e quatro novos médicos e cento e sessenta e duas vagas para a Residência Médica, com uma folga para médicos formados em outros estados.

A partir deste fato, a preocupação com a formação de novos médicos torna-se uma constante, principalmente quando se faz a análise de que, em 2005, ou seja dentro de somente três anos, haverá quatrocentos e dezessete novos médicos no mercado e somente cento e sessenta e duas vagas para uma especialização *lacto sensu* (Residência Médica), significando que duzentos e cinquenta e cinco ex-alunos não conseguirão residência neste Estado, e fora daqui o quadro é praticamente o mesmo.

**Tabela 4** – Vagas para Residência Médica no Estado de Santa Catarina.

Hospital	Cidade	Número de vagas
Universitário	Florianópolis	28
Governador Celso Ramos	Florianópolis	33
Infantil Joana de Gusmão	Florianópolis	18
Maternidade Carmela Dutra	Florianópolis	8
Homero de Miranda Gomes	São José	16
Instituto de Cardiologia	São José	6
Municipal São José	Joinville	36
Municipal São José	Criciúma	9
Santa Izabel	Blumenau	8
<b>Total</b>		<b>162</b>

Fonte: Comissão de Residência Médica do Estado de SC.

Em Blumenau, onde foi instalado um curso de Medicina em 1990, a situação já está modificando, e bas-

tante, pois o número de médicos quase dobrou nos últimos dez anos. (Tabela 5)

**Tabela 5** – Relação médico/habitante na cidade de Blumenau em 1991 e 2002.

Ano	Número de habitantes	Número de médicos	Médico/Habitante
1991	211.835	251	1/844
2000	261.808	475	1/551
2002	272.283	539	1/505

Fonte: IPUF e IBGE.

O modelo médico assistencial e educacional aplicado na execução de uma parte dos cursos atuais de medicina, aqueles que não possuem estrutura própria, especialmente hospitais, e não têm uma incidência epidemiológica de doenças que permita um aprendizado adequado, resulta em:

1. aulas expositivas e escassez de atividades ambulatoriais, sem treinamento adequado para os estudantes, reduzidos a visitantes de hospitais;
2. liberação de alunos para internato em unidades de saúde despreparadas para a docência, sem qualquer vínculo com os propósitos da escola, muitas vezes, em cidades, ou mesmo Estados distantes da unidade de origem e sem qualquer supervisão acadêmica;
3. inaceitável regime de trabalho docente (professores horistas), cuja carga horária é de 2, 4, 6 ou 8 horas/semanais, efetivamente ministradas, não gerando qualquer vínculo com a instituição;
4. Docentes com domicílio afastado da escola.

As conseqüências destas observações podem ser percebidas na insuficiência de recursos físicos e deficiência de recursos humanos, pois um professor doutor em medicina leva oito anos para ser formado (dois anos de residência, dois para o Mestrado e quatro para o Doutorado), e este é um tempo muito longo.

Outra conseqüência possível é a ausência de compromisso formal destes docentes *horistas* com a escola, pois somente se comprometem com a aula efetivamente ministrada, sem que haja uma obrigação de qualquer vínculo com a extensão e, provavelmente, uma ausência da atividade de pesquisa, permanecendo, com isso, uma lacuna com a assistência à saúde da comunidade onde está inserida a escola.

Como a qualidade de ensino não é a mais adequada, haverá a formação de médicos menos preparados para o exercício pleno da profissão que escolheram e que, certamente, não conseguirão se aprimorar devidamente na arte médica, pois podem não ter sido convenientemente

preparados na sua base, podendo sujeitar-se a condições inadequadas de trabalho e de salário, não tendo condição ideal de atualização e, é lógico, de atuação médica.

A formação não condizente com o contexto atual leva a procedimentos e ações desnecessárias, elevando o custo da assistência.

Como não tem adequado preparo para a assistência, o médico acaba ocupando espaço de postos vitais em serviços de pronto socorro e emergências, que, por definição, exigem pessoal melhor qualificado.

Para fechar o círculo, deixaríamos uma constatação: uma boa parte daquilo que é dito erro médico e as punições dos Conselhos de Medicina estão ligados à conduta de profissionais com formação deficiente. Calar neste momento e não clamar por maior fiscalização na abertura de escolas médicas nos tira o direito, não o legal, mas o moral de punir atos médicos que ferem o Código de Ética, praticados por profissionais formados em estabelecimentos que não contemplem um ensino mais adequado da medicina.

**Endereço para correspondência:**

Armando José d'Acampora.  
Condomínio San Diego, casa 9.  
Parque São Jorge – Itacorubi.  
Florianópolis – SC.  
CEP: 88034-420.  
E-mail: [acampora@ccs.ufsc.br](mailto:acampora@ccs.ufsc.br)